

humanitas

Vol. LI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LI • MCMXCIX



AMADEU TORRES, *Ao reencontro de Clio e Polímnia. Ensaios Histórico-Literários e outros estudos*. Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Departamento de Humanidades, Braga, 1998, 461 páginas.

No ano em que celebrava o cinquentenário do começo da sua vida literária, publicou o Prof. Amadeu Torres quatro livros, entre eles esta valiosa colectânea de alguns dos seus trabalhos «de nível universitário» que li com gosto e proveito. Trata-se dum livro extremamente interessante e rico de ensinamentos.

Não tendo objecções de fundo a fazer ao seu conteúdo, que reflete um raro e bem conseguido esforço de investigação, limitar-me-ei a contribuir com algumas achegas em questões pontuais.

Na p. 19 n. 23, sobre a questão da fidelidade de André de Resende a Erasmo, creio ter trazido um contributo significativo para o seu esclarecimento, com o artigo “*A Conversão Maravilhosa do português D. Gil – um diálogo latino quase ignorado – da autoria de André de Resende*”, publicado na *Revista da Universidade de Coimbra XXVII* (1979) e reimpresso na 2.^a edição de *Estudos sobre o Século XVI*, em 1983. Ver especialmente as páginas 357-358.

Na p. 29 n. 5, no capítulo em que o Prof. Amadeu Torres estuda Erasmo como fonte de Las Casas, cita Andrés Martín: «Entre 1516 e 1530 vieron a la luz alrededor de 19 tratados de Erasmo y fué reeditado seis veces, al menos, el *Enquiridion o Manual del caballero cristiano*».

Em 1969, no meu livro *Estudos sobre a Época do Renascimento*, só reeditado em 1998, mostrei como Gil Vicente sabia mais latim do que pensava D. Carolina Michaëlis. Admiti então, e continuo a admitir, a possibilidade de o nosso dramaturgo ter lido e entendido o latim de Erasmo. Mas se o não leu no original, pode tê-lo conhecido em ocasionais traduções castelhanas. Aliás, Erasmo era então popular na Universidade e na Corte: a própria rainha D. Catarina, mulher de D. João III, possuía na sua biblioteca obras de Erasmo.

Na p. 62, a propósito do sopro épico que percorre o *De Bello Cambaico ultimo commentarii tres* (1549) de Damião de Góis, recordarei que o mesmo se verifica em alguns escritos de Cataldo Parísio Sículo, cinquenta anos antes, e na oração de sapiência de D. Pedro de Meneses, 2.^o conde de Alcoutim, na presença do rei D. Manuel, em 1504, na Universidade de Lisboa.

Damião de Góis “lamentava a falta de um Homero para cantar devidamente os nossos feitos”. Cataldo, na elegia “Ad comitem de Michaelae curie regalis”, dirigida antes de 1502, ao 2.º conde de Alcoutim, acabado de mencionar, fazia o elogio épico de Miguel Corte Real e terminava: «Finalmente, se houvesse encontrado o poeta da Meónia (Homero), ele teria um nome imortal e uma honra perpétua. Oh, quanto importa a época em que se nasce! Foram felizes os homens que vieram ao mundo nos séculos antigos!»

Denique meoniden fuerat si nactus: haberet
 Nomen inextinctum perpetuumque decus.
 Heu quantum refert quali nasceris in euo:
 Secula felices prisca tulere ¹

Na p. 115, fala-se do Dr. Jerónimo Münzer. Este alemão conviveu com Cataldo, durante a sua estadia em Portugal ², e deixou-nos um valioso testemunho sobre a educação e a cultura de D. Jorge, filho bastardo de D. João II ³. O humanista Cataldo foi chamado de Itália para educar D. Jorge, e cumpriu a sua missão, em que pese a um historiador de nossos dias que, interpretando mal um “dito” do século XVI, pretendeu mostrar que D. Jorge não sabia o que era um “humanista”.

Na p. 135, no fino capítulo sobre “Beato Renano e Damião de Góis”, apresenta Amadeu Torres uma síntese feliz daquilo que entende por “Erasmismo”: «(...) e finalmente o erasmismo, isto é, essa visão crítica moderada, sem ruptura para com a Igreja de Roma de que um e outro [Beato e Damião] eram súbditos e por cuja reforma equilibrada ansiavam, já que cônscios dos defeitos e senões, nem pactuavam com radicalismos subversivos e desintegradores, nem aplaudiam um conservantismo retrógrado e invisual».

A primeira parte do livro (“Temáticas Circum - Goisianas”) termina com uma recensão publicada em *Humanitas* XXXIII-XXXIV (1981-82) da colectânea de que são autores Marcel Bataillon, J.-C. Margolin, Jorge B. de Macedo, Jean Aubin e Isafias da Rosa Pereira, *Damião de Góis, humaniste européen*, Braga, 1982. É a crítica dum competente especialista do humanismo goisiano, certamente o maior da actualidade, dentro e fora de Portugal.

Os trabalhos dos cinco autores são apreciados com evidente conhecimento de causa, a começar pela superficial opinião de Marcel Bataillon a respeito das deficiências do latim de Damião. Porque cometeu o humanista português a inverdade e o exagero – pergunto eu – de afirmar que só tarde começara a estudar latim?

¹ Américo da Costa Ramalho, *Estudos sobre o Século XVI*, 2ª edição, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, Lisboa, 1983, p. 83-84.

² A. Costa Ramalho, *Estudos sobre o Século XVI*, Lisboa, I.N. — C. M., ²1983, p. 1, 10, 39

³ A. Costa Ramalho, *Estudos sobre a época do Renascimento*, Lisboa, F. C. G. / J. N. I. C. T., ²1997, p. 64, 111; Id., *Para a História do Humanismo em Portugal, (II)*, Lisboa, F. C. G. / J. N. I. C. T., 1994, p. 60, 62.

Na segunda parte do livro (“Temáticas Bracaraugustanas”), encontramos capítulos sobre Paulo Orósio, D. Frei Bartolomeu dos Mártires, e dois estudos sobre *Paciecidos libri XII* (Coimbra, 1640), um notável poema heróico do P^o. Bartolomeu Pereira, S. J. praticamente desconhecido, mesmo dos historiadores do Humanismo.

Outros temas bracarense ainda: os irmãos Gabriel e Luís Pereira de Castro, D. Luciano Afonso dos Santos, o prelado D. Frei Caetano Brandão (e o seu amigo António Caetano de Amaral) e os discursos inaugurais, pronunciados por Amadeu Torres, em dois Congressos realizados em Braga. Há ainda um artigo sobre o presente e o futuro das Humanidades em Portugal, matéria sobre que não é fácil adiantar prognósticos.

Na p. 149, a abrir esta segunda secção do seu livro, alinha o Autor três pensamentos em *motto*, o primeiro dos quais, em francês: “L’histoire est un perpétuel recommencement: Tucídides, *História da guerra do Peloponeso*, I, 22, 4”. Porquê, em francês, para mais citando a fonte, com o título em português? Não seria melhor em grego com tradução portuguesa, ou só em grego ou só em português?

Na terceira e última secção (“Outras Temáticas”), há ensaios sobre o estilo do latim dos sermões de Santo António, sobre Fernão Mendes Pinto, o P^o. António Vieira, Tomás Campanella, sobre o “cinquentenário da Academia Portuguesa da História”, sobre Francisco da Gama Caeiro, Domingos Maurício, S. J., Leonardo Coimbra, Martin Heidegger, Manuel Rodrigues Lapa e Fernando Pessoa.

Enfim, um livro cujo mérito, nem algumas poucas “galhas” conseguem prejudicar. Cito três exemplos: nas p. 89/91, o grego εἰρήνη é escrito três vezes com vogal breve na penúltima sílaba; na p. 370, há várias concordâncias defeituosas no latim; e na p. 116, D. Lopo de Almeida é chamado o primeiro “duque” de Abrantes. Foi o primeiro “conde”.

Américo da Costa Ramalho

CARMEN CHUAQUI, *El texto escénico de Las Bacantes de Eurípides*, México, Ciudad Universitária, 1994, 253 pp. + 13 gravuras

Após um pequeno prólogo onde a autora define o público a que se destina a obra “El público al que está destinado no es solamente el de especialistas en Filología Clásica, sino que comprende también a todos los amantes de las artes griegas y, en especial, a los críticos literarios, teatrófilos y musicólogos” (p. 9), este volume apresenta-se constituído por cinco capítulos, seguidos do que a autora designa por “Epílogo”, uma versão do grego em espanhol de *As Bacantes*, três tábuas cronológicas (das inovações na apresentação dramática nos festivais, da vida dos autores dramáticos mais importantes, e dos principais acontecimentos ocorridos durante a existência dos três tragediógrafos) e finalmente um glossário

O capítulo I “Dramaturgia griega” parece pretender apresentar pressupostos metodológicos do estudo: a consciência de que o fenómeno da representação no seu